

Proposta 2

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos contruídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **A questão das adaptações de clássicos no Brasil: é válido facilitar?**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

Ao ler as notícias de que uma “escritora muda obra de Machado de Assis para facilitar a leitura” pensei quase instantaneamente: mas isso não é uma mera adaptação? Pois e não é que era!? O grande erro de Patrícia Secco não é remodelar o texto de dois “intocáveis” da literatura brasileira, mas como expor esse processo aos jornalistas. Frases como “entendo porque os jovens não gostam de Machado de Assis” e “a ideia não é mudar o que ele disse, só tornar mais fácil” não pegaram bem. Hordas de literatos canibais já preparavam o sacrifício da escritora por meio de posts nada amigáveis, matérias pouco confiáveis e textos sem argumentos.

Não estou aqui para defender nada e nem ninguém, muito menos duas adaptações que não li, mas a questão é outra: a legitimidade de se adaptar uma obra clássica. Com todo o burburinho sobre o tema lembrei que a primeira vez que li Robinson Crusoe, de Daniel Defoe (1660-1731) foi no auge dos meus 12 anos, em uma edição adaptada por Werner Zotz e publicada na “Série Reencontro” da Editora Scipione. A coleção, que, por sinal, existe até hoje e é recomendada por diversas escolas, foi responsável por me colocar em contato com textos que, possivelmente, estariam fora do meu alcance naqueles tempos.

Como se isso não fosse suficiente, me lembro, sem nenhuma névoa na memória, que uma das mais importantes escritoras brasileiras é também responsável por excelentes adaptações. Clarice Lispector, talvez em tempos de vacas magras, (...) burilou algumas obras-primas da literatura universal. Já pensou a felicidade de Jonathan Swift (*As viagens de Gulliver*) e de Júlio Verne (*A ilha misteriosa*) ao verem seus textos “recriados” por alguém do calibre de Clarice? Seria, pela lógica hedonista, Clarice também uma pecadora?

Essa não é a primeira vez que *O Alienista* ganha novas formas. O texto do Bruxo do Cosme Velho, da primeira vez, recebeu um tratamento mais ousado. Não só teve seu texto alterado, modificado para uma linguagem contemporânea, mas teve também seu título mudado, passando a se chamar *O Mistério da Casa Verde*. E quem seria o autor de tamanha heresia? O escritor gaúcho Moacyr Scliar, morto em fevereiro de 2011.

O livro é uma adaptação estupenda feita para a séria “Descobrimos os clássicos”, sob a tutela da editora Ática. Recomendada por diversas escolas, a coleção tem também uma adaptação de outra obra machadiana, desta vez, Dom Casmurro, que passou a se chamar *Dona Casmurra e seu tigrão*. O pecado ficou por conta de Ivan Jaf. Para concluir que as adaptações não são tão feias – e nem tão raras – como tem se pintado nos últimos dias, provo que Machadinho era também um adepto da prática.

Para os desavisados, a controversa história de amor entre Bentinho e Capitu não é algo assim tão original. A suposta traição não é algo assim tão único. Machado nunca escondeu – e

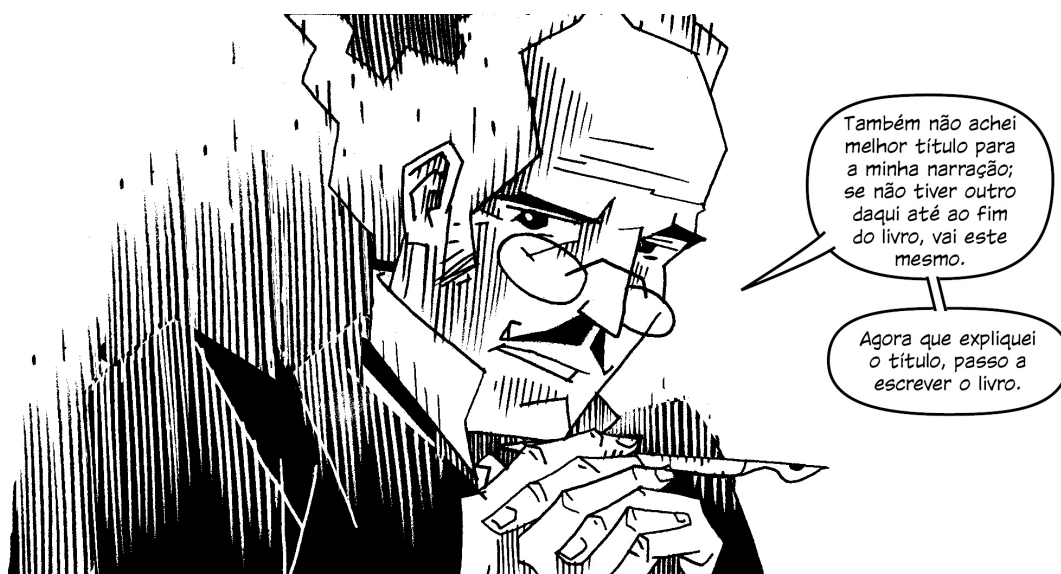
nem pensou em fazer – que Dom Casmurro carrega as tintas de *Otelo*, a famosa peça de Shakespeare que tem os mesmos elementos encontrados na prosa do brasileiro – que por vezes cita (diretamente) o ídolo inglês em seu romance.

E vamos percebendo que o conceito de adaptação é muito menos profano do que muito beato literário tem dito ser.

Disponível em: <http://www.parana-online.com.br/colunistas/contracapa/102614/>.

Acesso em 21 jan 2015 (adaptado).

TEXTO II



Dom Casmurro de Machado de Assis – Por Wellington Srbek e José Aguiar

Versão em quadrinhos de um dos principais clássicos de nossa literatura, adaptado fielmente por dois renomados autores das histórias em quadrinhos do país.

Disponível em: http://grupoautentica.com.br/fique_por_dentro/releases/editora-nemo-prepara-seus-novos-quadrinhos-nacionais/50

TEXTO III

O argumento dos que são a favor, que se soma ao da serventia social, é o de que essa não é a primeira nem será a última adaptação de textos clássicos. Quem não leu algum “Moby Dick”, “Dom Quixote”, a “Odisseia” ou Shakespeare em alguma versão condensada e facilitada? Quem negaria que essa prática promove de alguma maneira o incremento da leitura, e o acesso a outros textos e a obras originais? Uma linha influente da teoria literária crítica, por sua vez, o chamado cânone literário, o panteão das obras “imortais”, a sacralização dos textos e a sua transformação em fetiches intocáveis, ligados a privilégios de classe que também se querem intocáveis. Essa concepção pragmática vem geralmente acompanhada, no entanto, da dificuldade de identificar propriedades singulares dos textos literários que são inerentes à sua composição, ao ritmo, ao corpo da linguagem, e que os fazem insubstituíveis e irredutíveis a qualquer outra forma que não a sua. Mas, para não cair na pendenga sem saída entre o purismo e o completo relativismo, o melhor é analisar cada caso concreto.

O caso da adaptação de “O alienista” é muito diferente do das outras obras clássicas citadas, em que se faz uma redução genérica da história, claramente distinta do original. Em vez disso, trata-se aqui de uma intervenção linha a linha sobre o estilo, a pontuação, o ritmo, o vocabulário e a sintaxe, e como se nada disso estivesse acontecendo. É escandaloso que a informação “texto facilitado para incentivo à leitura” apareça apenas no final do volume, sem nenhum destaque, perdida entre outros créditos menos relevantes (produção, concepção, projeto gráfico, imagens e tiragem), e onde a referência (nem digo reverência) à autenticidade do texto original vira pó.

Nas primeiras linhas, “filho da nobreza da terra” vira “filho de nobres”, “regendo a universidade” vira “dirigindo a universidade”, “o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas”, vira “da Espanha”. O pretexto, discutível em todos esses casos, é o de que palavras mais usuais deixam o texto mais compreensível, mas junto com isso vem, na verdade, a mentalidade da padronização, praga generalizada e generalizante que não faz senão tirar o travo, o gosto e o sabor de qualquer texto. Prova disso é que, na primeira linha, a adaptadora insere vírgulas inexistentes no original (“dizem que, em tempos remotos, vivera ali um certo médico”), que não se explicam senão pela pulsão de copidesque que quer adequar textos a normas editoriais, atropelando o que vier pela frente. Chego a pensar que a demagogia social envolvida no projeto é um álibi inconsciente para copidescar Machado. Tanto assim que, mais adiante, “achou-se a mais desgraçada das mulheres” vira “considerou-se a mais desgraçada das mulheres”. A palavra “achou-se” era simples demais, dessa vez, e fez-se necessário procurar outra menos usual? Qual é afinal o critério? Aqui e ali pinga uma nota de rodapé, mas uma citação de Dante Alighieri em italiano passa batida.

Literatura nos pega ao pôr em contato o que somos com o que não somos — tempos, experiências individuais e coletivas, linguagens e valores que se tornam nossos sem serem nossos. É preciso passar pela diferença a que o texto nos submete. O narcisismo contemporâneo reage a isso querendo facilitação, padronização e autorreconhecimento. Ironicamente, Machado de Assis é um dos mais incríveis analistas do narcisismo, em toda a literatura universal. Não há como chegar a ele sem chegar a ele. Há modos e modos: o livro organizado por Marcos Bagno, “Machado de Assis para principiantes”, por exemplo, faz uma boa introdução antológica sem precisar alterar uma vírgula do original.

Num país de analfabetos funcionais, como o nosso, uma verdadeira política de leitura é crucial para todas as políticas. O episódio é um índice gritante da falta disso.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/machado-copidescado-12513915>.

Acesso em 21 jan 2015 (adaptado).